

# Por uma Filosofia do Encontro no Ensino Religioso

*Lara Sayão Lobato de Andrade Ferraz<sup>1</sup>*

Este estudo tem como objeto o Ensino Religioso na Escola Pública. O objetivo desta pesquisa é o aprimoramento da prática docente neste campo do conhecimento. Para tanto, buscou-se analisar as questões suscitadas pela presença do Ensino Religioso no currículo da Escola Pública a partir da história das relações Educação e Religião no Brasil, da Legislação Brasileira, das Deliberações Estaduais que versam sobre o Ensino Religioso e do imaginário sobre o Ensino Religioso presente na fala de alunos e professores do Ensino Médio de uma Escola Estadual de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro. A reflexão sobre o imaginário justifica-se por ser ele uma fonte de análise crítica que possibilita uma melhor compreensão da sociedade e aponta caminhos para a Educação. A pergunta sobre a presença do Ensino Religioso na Escola pública é discutida teoricamente a partir de um referencial específico: a Filosofia do Encontro de Martin Buber, pensador do existencialismo religioso, a fim de se oferecer uma fundamentação filosófica à disciplina.

## Ensino Religioso – Martin Buber – Filosofia do Encontro

### Introdução

Não há polêmica quanto ao Ensino Religioso oferecido nas Escolas Particulares confessionais, pois são organizações de caráter religioso claramente definido e é opção das famílias matricularem seus filhos nestas instituições. Porém, quando se trata do Ensino Religioso oferecido nas Escolas Públicas, a questão é geradora de muitas opiniões divergentes e de posições polêmicas. A discussão se dá nos mais diversos âmbitos da sociedade, do senso comum aos fóruns da academia, passando pelo Congresso Nacional, sem, no entanto, chegar a configurar um acordo teórico. No Brasil, o Ensino Religioso é garantido pela Constituição de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96, como parte integrante do currículo das escolas de ensino fundamental, de caráter facultativo, porém caracterizado enquanto disciplina e cada Estado tem a autonomia de legislar em

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação – Universidade Católica de Petrópolis – lara.sayao@ucp.br

relação à presença da disciplina no currículo. O Ensino Religioso suscita uma série de questões que exigem conceituação e clareza sobre o objeto e os objetivos da disciplina. O próprio fato de ser integrante, porém facultativo, abre um leque de discussões muito extenso: como é trabalhada uma disciplina considerada parte integrante da formação, de modo opcional? Como acontece a prática de um professor que leciona uma disciplina não obrigatória na Educação Básica? Quais são os objetivos que esta disciplina pretende alcançar e em que sentido colabora com os fins da Educação? Qual o objeto da disciplina? Como ela é percebida pelo imaginário da escola? Como a percebe quem a propõe, no caso da Escola Pública, o próprio governo? Ela constitui uma área do conhecimento? É ciência?

Essas e outras questões nascidas de minha prática docente no Ensino Religioso na Rede Estadual de Ensino do Estado do Rio de Janeiro nortearam minha pesquisa. Ingressando na Escola Pública em abril de 2004, após aprovação no primeiro concurso público para docente em Ensino Religioso do Estado do Rio de Janeiro, deparei-me com uma realidade exigente que oferecia um campo de investigação extremamente rico e ao mesmo tempo carente de fundamentação teórica. Como minha formação inicial se deu no campo da Filosofia, busquei desenvolver uma pesquisa de caráter teórico objetivando uma análise do estado da questão e de seus pressupostos filosóficos. Como a Lei Federal determina que cada Conselho Estadual de Educação estabeleça os critérios para oferecimento da disciplina e para a formação dos professores, a pesquisa levou-me a analisar o estado da questão na legislação brasileira e como cada Estado da União se adaptou à presença da disciplina no currículo da Educação Básica. Esta análise revela mais uma vez a necessidade de fundamentação e discussão do tema, visto que diversas são as concepções sobre a disciplina, dificultando a adoção de um currículo único nacional. No plano teórico-metodológico, uso a Filosofia do Encontro de Martin Buber, filósofo do existencialismo religioso e da fenomenologia personalista, por entender que o pensamento de Buber oferece uma fundamentação filosófica à presença da disciplina no currículo, uma vez que tenho como pressuposto que esta disciplina pode colaborar com uma perspectiva humanista da educação por tratar de um aspecto fundamental do humano: a religiosidade. No plano da análise empírica, optei por estudar as turmas de ensino médio da rede estadual de ensino de Petrópolis, por atuar nelas e por serem espaço privilegiado para análise da repercussão desta disciplina no currículo. Não foi

meu interesse fazer uma pesquisa quantitativa, busquei detectar as idéias presentes no imaginário sobre o Ensino Religioso e, usando a Filosofia de Martin Buber também como método, proponho um diálogo com sua Filosofia do Encontro<sup>2</sup>.

## 1. O Ensino Religioso no imaginário da Escola

O modo como conhecemos as coisas não é neutro. Está profundamente marcado por nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações e que molda nosso olhar diante do fato. Quando o fato analisado compreende uma realidade metafísica, dificilmente definida de maneira positiva, as imagens que formam nossa visão de mundo são fatores relevantes a serem considerados, pois são o que nos permite conhecer e estabelecer conceitos. Devido a um tempo bastante extenso de inserções arbitrárias de '*ensinos religiosos*' diferentes nas escolas, foi-se gerando em seu entorno um imaginário, ou seja, idéias formadas a partir do modo como a escola o foi percebendo. O imaginário é interpretativo, relacionado ao conceito anterior à reflexão, herdado e reproduzido sem questionamentos, o psiquismo humano não funciona apenas à luz da percepção imediata e de um encadeamento racional de idéias, mas também na penumbra do inconsciente ou da criação poética, revelando e constituindo uma imagem e um conceito que representa uma espécie de intermediário entre um inconsciente não manifesto e uma tomada de consciência ativa (2001, p. 7). Percebemos que paira uma nuvem de confusão sobre o Ensino Religioso. É preciso definir seu objeto e seu objetivo. É necessário discutir os fundamentos que possam justificá-lo. Uma imagem do Ensino Religioso irrefletidamente cristalizada no imaginário da escola prejudica a discussão sobre seus fins e, principalmente sobre sua legitimidade. Apresento agora algumas idéias que foram identificadas nas falas registradas na pesquisa que perguntou sobre o objetivo e o objeto das aulas de Ensino Religioso. A pesquisa foi realizada entre alunos das três séries do Ensino Médio do Colégio Estadual Rui Barbosa, onde atuo desde 2004.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Neste artigo, apresento apenas parte das reflexões que são aprofundadas em minha dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis.

<sup>3</sup> Os alunos participaram livremente da pesquisa, sem identificação, respondendo por escrito. A pesquisa foi feita durante os meses de maio e junho de 2005 e seus resultados foram apresentados no Encontro de Professores de Ensino Religioso da Coordenadoria Serrana III no dia 10 de agosto de

### 1.1.O caráter moralizante:

*“Temos aulas de Religião para parar de falar mal das pessoas, para ter fé e para arrecadar alimentos para as pessoas necessitadas”.*

*“Acho legal os alunos no mundo de hoje, pelo menos na Escola aprender sobre Deus porque no mundo de hoje só vemos coisas ruins e desastrosas”.*

Em muitos momentos se espera que o Ensino Religioso dê educação aos alunos, que lhes ensine a sentar, a falar baixo, a não usar palavrões, a não brigar com os colegas. Muitos pais esperam que, através do Ensino Religioso seus filhos recebam a educação necessária para a vida em sociedade. As direções das escolas, em muitos casos cobram do professor de Ensino Religioso que instaure a ordem, promova a disciplina e transforme os alunos difíceis. Os colegas professores, todos educadores, lançam para o professor de Ensino Religioso a responsabilidade de trabalhar os valores e a ética, enquanto estes temas deveriam estar permeando todas as disciplinas. A idéia de freio está muito presente no imaginário do Ensino Religioso. Em muitos momentos da história, a religião foi usada como fator moralizante e como um freio à liberdade humana. As questões políticas das relações Igreja-Estado acabaram por identificar Religião com repressão e condenação das idéias libertadoras. A falta de compreensão do que de fato seja religião estabelece uma imagem castradora dos instintos humanos e inibidora das reações violentas, da ira e de todas as indesejáveis ações humanas. Mas também em muitos momentos é entendida como freio das sensações de prazer, de alegria, de espontaneidade e neste sentido preocupa ao gerar certa aversão dos jovens à disciplina. A religião reduzida à moralidade impede o reconhecimento de seu caráter relacional. Certamente toda religião apresenta a perspectiva moral, porém como consequência da relação que se estabelece. Pensar religião apenas a partir das regras de conduta é empobrecê-la em seu fundamento e inclusive gera a problemática afirmação da impossibilidade de moral fora da religião, visto que o homem tem em si uma lei natural que rege sua conduta e que podemos encontrar pessoas dignas e éticas que não professem nenhuma fé. O panorama contemporâneo apresenta muitas situações conflitantes que exigem uma atuação efetiva geradora de mudanças sociais. Há miséria por toda parte e uma convivência

---

2005, com o objetivo de promover uma reflexão sobre a visão do aluno sobre a disciplina, sobre suas expectativas e sobre as idéias presentes no imaginário escolar.

quase insustentável. O senso de responsabilidade pelo mundo, pelo *ethos* e pelo outro é um ponto muito trabalhado nas aulas de Ensino Religioso. Este fato gerou no imaginário da escola a idéia de um professor que promove sempre campanhas solidárias e arrecadação de alimentos. Esta idéia parece-nos positiva, pois revela um engajamento do religioso com as questões da vida. Porém, corre-se o risco de reduzir a religião ao assistencialismo que não é positivo na construção do cidadão nem do ser religioso por não promover o outro e por não trabalhar para sua dignidade ao não fomentar sua capacidade de gerir sua subsistência. A questão que se deve atentar é a de não permitir que a parte seja uma definição totalizadora porque é reducionista. O imaginário tende a tomar por definição a parte e este fato sugere a necessidade de uma reflexão mais aprofundada da disciplina.

### 1.2.A impressão de inutilidade

*“Nessa aula não fazemos nada. É uma aula de relaxamento”.*

*“As aulas de Ensino Religioso deveriam tratar de temas atuais, mas sempre relacionados com temas bíblicos. Os professores poderiam ser mais dinâmicos, transformando assim aulas que parecem inúteis em aulas proveitosas não só para a vida religiosa, mas para a vida social dos alunos, sendo aproveitada até para as provas do vestibular”.*

*“Já tive muitas aulas de Religião, mas, sinceramente, não me lembro de ter aprendido nada. São insignificantes”.*

A sensação de inutilidade que está presente no imaginário da disciplina em nossa interpretação tem dois fundamentos: a postura positivista da educação e a falta de formação dos professores. Acostumados a um ensino conteudista, entendendo racionalidade como cientificismo, os alunos, ao pensarem sobre as realidades metafísicas e transcendentais têm a sensação de estarem perdendo tempo, quando deveriam se dedicar a coisas mais difíceis, importantes e úteis. Há a impressão de que o que não coopera para uma visão pragmatista da vida e do próprio sujeito não tem valor. A razão tem sido entendida como cientificismo desde o Iluminismo e o mundo tem percebido que o desenvolvimento científico e tecnológico não gerou um mundo melhor e não respondeu às questões humanas essenciais. A escola ainda está inserida no paradigma moderno e ainda deposita no racionalismo todas as suas esperanças.

### 1.3. Um espaço para pensar a vida

*“As aulas de religião podem trazer alegria, paz, felicidade, amizade, reflexão e calma para todos os alunos”.*

*“Eu acho que a aula de religião além de ser importante é essencial para as nossas vidas. Porque depois de ter aulas tão formais nós temos a aula que paramos e pensamos como está as nossas vidas (Sic). Conclusão: na Bíblia diz: O mundo morre por falta de conhecimento.”*

*“Eu acho muito importante a aula de Ensino Religioso nos colégios porque ajuda os alunos a entenderem o propósito de Deus na nossa vida, porque Jesus veio a terra, etc.”*

*“A aula de religião deve abordar temas, questões que nos envolvam tanto como pessoa social, intelectual e principalmente como ser humano. Religião não apenas como temas históricos, mas algo que nos ajude a construir nossa identidade”.*

*“A professora muitas vezes chegou e fez uma reflexão que parecia que ela estava falando para mim, me fez muito bem”.*

Estão muito presente no imaginário da escola as idéias de refrigério e de calmaria que assumem um caráter positivo quando entendidas como algo que permite um crescimento a partir da reflexão. Por abordar temas que fazem pensar sobre a própria situação do homem no mundo e sua relação com Deus e consigo, a disciplina faz pensar sobre si mesmo permitindo perceber-se mais valorizado e até mesmo mais querido. Muitos alunos relacionam-se de modo afetoso com a disciplina e com seus docentes porque se sentem carentes de ouvir um discurso diferente das cobranças das outras disciplinas e esperam por esta aula como um momento de entenderem-se reconhecidos como pessoas. Estes depoimentos refletem que faz bem para os jovens pensarem nas questões do espírito e nas questões da existência, pois ainda que eles não se percebam assim, querem uma orientação sobre a própria vida. Estão no momento crucial de formação de identidade, analisando os diversos modelos e fazendo suas escolhas. Este aspecto das aulas de Ensino Religioso, percebido e revelado pelos jovens deve ser considerado na elaboração de um currículo e principalmente na formação do professor. Autêntico é o que é próprio do homem, não superficial, é o mais profundo; o que toca fundo sua existência psíquica, não apenas

sua epiderme. Não é momentâneo, é acolhido pela própria pessoa e torna-se ela mesma. O que persegue a educação senão levar o educando ao que permanece? Ao que não seja superficial e momentâneo? A educação tem por fim gerar um ser educado. As grandes discussões sobre currículos e métodos giram em torno da eficácia em gerar algo que se torne a própria pessoa e não a reprodução de uma série de conteúdos sem referência que será esquecida em alguns poucos meses. Acreditamos que esta idéia presente nos depoimentos acima surge da oportunidade de um Ensino Religioso que trabalha as questões que são autenticamente humanas.

#### 1.4. A dicotomia Religião e Vida

*“Eu acho que a aula de Ensino Religioso é uma aula muito importante (ou seria muito importante) se os professores procurassem não falar só de Deus, pois os jovens nessa época tem muita dificuldade de se comunicar com ele, por acharem que existem muitos assuntos mais importantes, então os professores deveriam fazer uma aula em que falassem dos assuntos que interessam aos jovens”.*

Todas as questões humanas interessam ao homem como um todo e, ao pensar a dimensão religiosa do homem nenhuma questão é menos importante. Para os jovens é relevante pensar a vida e buscar compreender de modo mais amplo as suas diferentes e exigentes realidades, pensar a realidade espiritual não desvinculada da existência e de seus apelos, mas como algo que pode lhe conferir significado. Não há sentido numa atividade educativa que não prepare o indivíduo para ser o administrador da sua vida, para agir em todas as situações com liberdade e autonomia, sendo capaz de refletir e escolher. Perceber o humano na perspectiva do encontro que perpassa o concreto da vida é o que acreditamos ser um caminho para o Ensino Religioso. Pensar a realidade, como proposto pelo aluno, colocar a realidade na aula, convidar a vida para a sala de aula e compreendê-la como algo tocado pela presença de uma outra dimensão, a da relação com Deus. Inclusive, tendo claro que os textos sagrados das religiões são exatamente o relato da vida em relação, do diálogo entre as dimensões humana e divina. As revelações não são algo estranho ao homem, mas são uma palavra significativa dita a ele. A condição de autonomia exige a reflexão como essencial para a acolhida do princípio de ação, neste sentido, a educação visa a autonomia para a escolha refletida das ações e dos usos das competências e potencialidades. Um sujeito não autônomo não poderia ser considerado educado.

Como falarmos em autonomia sem compreendermos que ela só é verdadeira enquanto autêntica decisão e opção do sujeito? A prática educativa então nos remete a uma educação para a adesão autêntica aos princípios de ação a partir da reflexão. O Ensino Religioso é entendido como alheio à realidade na medida em que não coopera para a possibilidade de adesão e de ação refletida e livre. Esta idéia presente no imaginário é perpetuada pela perspectiva histórica que apresenta a religião como experiência de outrem e também pela perspectiva fenomenológica onde o sujeito é espectador. A idéia de que a religião está distante da existência prejudica não só o Ensino Religioso, mas a própria compreensão da dimensão religiosa do homem.

## 2. A Filosofia do Encontro de Martin Buber

Elejo como fundamentação teórica o pensamento de Martin Buber, uma das expressões mais marcantes do existencialismo religioso, por sua proposta de uma Filosofia da Relação, do Encontro e do Diálogo. A condição dialógica da vida humana é resposta às questões existenciais frente ao individualismo extremo e ao coletivismo exagerado e possibilidade única de acesso ao Ser. Ante as sombras que a filosofia pós-moderna veio colocando sobre essa possibilidade de acesso, o homem contemporâneo encontra-se angustiado e frustrado, pois a vida, tanto em sua vertente individual como em sua situação social, exige imperiosamente um sentido. Para Buber, viver é reciprocidade, uma vez que todas as experiências que vivenciamos são geradoras de resposta, não apenas em nós, mas no outro com o qual entramos em relação. Este fato nos faz ter que contar sempre com a impossibilidade de pré-estabelecer o ser do outro e em consequência disso, estar em relação exige uma atitude.<sup>4</sup> Buber dedica-se intensamente a responder às questões que a condição humana no mundo implica apresentando um viver engajado, comprometido e responsável como solução racional e ética. O homem deve aceitar a hora histórica que a ele se dirige em toda a sua alteridade e perceber a mensagem que lhe é dirigida, reconhecendo que é a ele que se dirige e estar pronto para responder. Esta postura diante do mundo que Buber propõe permeia todo o seu pensamento, abarcando todos os aspectos da vida humana.

---

<sup>4</sup> O termo “atitude” é aqui utilizado como disposição e hábito de estar pronto a efetuar opções constantes de valor frente às situações.



O pensamento de Martin Buber é uma resposta às inquietações filosóficas contemporâneas, que hoje toma especial relevância numa sociedade que evolui tecnologicamente sem conseguir promover relações autênticas entre os homens e entre o homem e o mundo em que vive. A Filosofia do Encontro é a ótica sob a qual Buber desenvolverá seu pensamento, pois, segundo ele, o homem vive uma dualidade de postura diante do mundo: a dualidade das *palavras-princípio: Eu-Tu e Eu-Isso*. A força destas palavras gera a identidade existencial do homem. Para Buber, o Tu paira sobre todas as coisas gerando as relações e fazendo com que o homem anseie pelo Encontro com o Tu eterno. Esta situação do homem no mundo, que tende à unificação e ao encontro, nos permite ler as relações, a formação das instituições, os desencontros geradores de conflitos sociais e de atitudes e a relação com Deus. A busca pelo encontro com o Tu que se faz presente nas situações mais concretas da vida corrente gera o Eu e permite que este se abra ao outro. Para Buber, nada é considerado como abstração, nem mesmo Deus, que para ele é alguém a quem podemos chamar Tu, já que também está em relação, alguém que fala com o homem e o convoca a uma atitude de vida:

Eu não possuo nada além do cotidiano, do qual nunca sou retirado. O mistério não se abre mais, ele se subtraiu e fixou domicílio aqui, onde tudo acontece como aconteceu. Eu não conheço mais nenhum além daquele de cada hora mortal, de exigência e responsabilidade. Longe de estar à altura dela, eu sei, porém que sou solicitado pela exigência e posso responder à responsabilidade, e sei quem fala e quem exige resposta. Muito mais eu não sei. Se isto é religião, então ela é simplesmente tudo, o simples todo vivido na sua possibilidade do diálogo. Quando tu rezas e com isto não te afastas desta tua vida, mas justamente te referes a esta vida rezando, quer dizer, admitindo-a, seja no inaudito como no assaltante, quando és chamado do alto, requerido, eleito, autorizado, enviado. Com este teu pedaço mortal de vida estás na mente, este instante não é retirado, ele se apóia no que foi e acena para o resto ainda muito vivo. Não és tragado em uma plenitude sem compromisso, és desejado para a solidariedade (1963, p. 24).

Há no pensamento buberiano uma postura religiosa que considera e eleva o homem na medida em que vê a religião como uma relação que exige o eu (o homem). Ao conceber a condição dialógica da vida humana, faz brotar uma valorização do humano num período crítico da história, quando o homem é considerado massa de manipulação e desconsiderado em sua alteridade. No século XX, o materialismo fez do homem uma peça a mais na imensa engrenagem social e Buber aponta para uma perspectiva relacional comunitária diferente, baseada nas eleições afetivas. A relação,

no pensamento de Buber significa o estar na plenitude da verdadeira reciprocidade, ser acolhido e estar vinculado com o TU, o que dá ao homem a inefável confirmação do sentido da vida. Nada mais pode estar fora do sentido e a questão sobre o sentido da vida nem mais pode ser colocada, não por já estar definida, ao contrário, justamente por não poder ser definida e ao mesmo tempo ser tão certa.

Este sentido da vida, que se dá na relação *Eu-Tu*, não está num além desta vida, mas justamente neste mundo, no qual o Tu solicita o Eu. Nesta relação, as duas partes têm que se fazer presentes, pois sem uma delas, a relação não acontece. O Eu é condição necessária para a relação e não impedimento. Não se pode renunciar ao Eu e a todas as coisas que fazem parte da vida, pois a existência não é um jogo divino, é seu destino, visto que a própria relação com Deus se dá com o homem e do homem necessita. É na existência concreta que a relação com o Tu acontece e dela fazem parte todas as coisas criadas. Para Buber, todos os seres estão inseridos no diálogo, nada pode negar ser recipiente da palavra-princípio proferida pelo Eu, já que tudo o que existe participa do Ser, e este está em relação constante com o Eu. O mundo, desta forma, não é e nem pode ser uma barreira para o encontro com o Tu, mas é o próprio meio para que ele aconteça e se torne presença para o Eu. Toda verdadeira vida é Encontro. Na vida, a atitude do homem é dialógica e esta atitude é um voltar-se um para o outro, tornando-se presença. A vida humana está de tal modo impregnada de relação que adquire, ao encontrar o Tu, uma estabilidade radiante e irradiante que a plenifica: “Entrar em relação com o Tu não significa prescindir de tudo, mas sim ver tudo no Tu; não é renunciar ao mundo, mas sim lhe proporcionar fundamentação” (BUBER, 2001, p. 53)

### 2.1.Os obstáculos ao Encontro

O Encontro se propõe a todo o momento na vida dialógica. Porém, ele nem sempre acontece, é uma frágil aparição. O Encontro é caracterizado por uma disponibilidade mútua, um diálogo autêntico entre o homem e o mundo, entre o homem e o homem e entre o homem e Deus. O Encontro genuíno é a relação *Eu-Tu*, na qual não há resistências ao outro. É uma relação atual, comprometida metafisicamente que não pode ser objetivada como uma experiência, pois que o Tu não se deixa aprisionar. Até mesmo o desencontro, no sentido comum do termo, é uma forma de Encontro, visto que remete ao Encontro *Eu-Tu*, enquanto que é uma

experiência de falta deste e deixa marcas que alteram o Eu. Toda relação centrada em apenas uma das partes não constitui um verdadeiro Encontro, pois o Eu fica absorvido em si mesmo, no sentido de que todas as relações estabelecidas acontecem em função da experiência que se realiza nele e não no lugar da relação: o entre. O Encontro é muito frágil e por isso a ele se opõem diversos obstáculos, como diz Buber: *“Como é poderosa a continuidade do Isso! E como são frágeis as aparições do Tu!”* (BUBER, 2001, p. 59). Assim podemos compreender que o Encontro pode acontecer por inteiro e perder-se no momento em que nos tornamos conscientes de nossa experiência. É no face-a-face da relação que o Encontro se realiza, e para que seja autêntico este estar em relação deve ter como única finalidade o outro, eliminando todo e qualquer interesse de controlar e possuir. A única coisa importante é que o outro aconteça como outro e que cada um dos dois em relação veja o outro desta forma, na totalidade da alteridade e assuma para com ele uma atitude de resposta, num comportamento de parceria frente à situação concreta em que vivem. Estão os dois em relação. Refletir sobre a autenticidade do Encontro é o centro da Filosofia de Buber, pois é somente aí que se pode conhecer o homem. É nesta autenticidade que se fundamenta uma antropologia filosófica.

## 2.2. O viver comprometido

Se eu tivesse que informar a alguém que pretenda saber qual seja, em linguagem conceitual, o principal resultado de minhas experiências e reflexões, não me restaria nenhuma outra resposta senão declarar-me partidário do saber que envolve aquele que pergunta e a mim: ser gente significa ser o ente que está face a face. O conhecimento deste simples fato cresceu ao longo da minha vida. Certamente foram ditas várias outras sentenças de mesmo sujeito e construção semelhante e eu não considero inteiramente incorretas algumas destas; o meu saber caminha justamente para este ponto, a saber: que é isto que importa (BUBER, 1991, p. 63).

No ser do homem está inserida uma esfera especial que o coloca no mundo de forma reflexiva e interpretativa. Todo o conhecimento, toda pesquisa, toda ação é envolvida, segundo Buber pela esfera da relação e do diálogo, sendo este o sentido do qual a vida humana não pode fugir. Até mesmo a solidão é, expressão da necessidade do outro. É falta, não negação, ainda que voluntária. Deste modo, as múltiplas atividades e justificativas das ações do homem remetem para esta sua condição relacional. Sendo assim, cremos que Buber ao final de suas reflexões, visto que escreveu o texto acima poucos anos antes de sua morte, reconheceu o que realmente importa ao homem e que torna pleno o seu ser: o Encontro. Este estar face a face com

o outro é o motor que impulsiona a vida e faz com que o homem não seja mais uma espécie entre tantas. Cada ser da natureza está presente e, de algum modo interage com os outros seres, porém só o homem é capaz de perceber a plenitude dessa interação, pois percebe o outro a partir de sua mesmidade, como alguém que se relaciona com ele também a partir de sua mesmidade. Cada qual em sua essência, porém não como uma unidade fechada em si, mas remetida sempre ao outro. Nada pode negar ser recipiente das palavras-princípio proferidas pelo homem, já que em sua existência, não pode também se negar proferí-las. É na realidade da vida e do mundo no qual está o homem inserido que se consuma o Encontro. As idéias e as expressões do ser do homem nascem justamente dos contatos estabelecidos do si-mesmo com o ser que se apresenta ao homem nos seres que dele participam e que na vida dialógica assumem representação e significado. Porém a reciprocidade se dá apenas na esfera psíquica e afetiva das relações entre os seres humanos, onde há invocação e resposta. Então não é possível uma reciprocidade com os animais e os outros seres da natureza? A relação Eu-Tu implica uma reciprocidade que abrange efetivamente os dois parceiros. De que espécie é a reciprocidade da relação com os seres da natureza? Buber responderá a estes questionamentos afirmando esferas diferentes de reciprocidade. Com os animais há uma dualidade latente que poderia ser chamada limiar da mutualidade e com os domínios da natureza aos quais falta a espontaneidade, não podendo assim retribuir, temos uma outra esfera de reciprocidade, embora não exista aí uma atitude de indivíduo, Buber afirma: “*existe uma reciprocidade do próprio ser, uma reciprocidade que não é senão o Ser*”. (Buber, post-scriptum de *Eu e Tu* escrito quarenta anos mais tarde, em 1963). Com os outros seres, o homem mantém uma relação na medida em que valora e preenche de significação o ente, porém não há reciprocidade no sentido pleno, mas apenas no sentido da influência que o contato gera no ser do homem. Viver é reciprocidade na medida em que respondo a todas as circunstâncias nas quais estou inserido com a prontidão das respostas que sou capaz de dar e das escolhas que faço. Para Buber, a plenitude da verdadeira reciprocidade está no fato de ser acolhido e de estar vinculado. Este é o tender do homem que já nasce com um *Tu* nos lábios. E este *Tu* não é simples falar, é uma atitude de voltar-se para o outro tornando-se presença para ele e percebendo sua presença. Na vida dialógica, as palavras são tráfego e o que verdadeiramente confere a condição para o diálogo é a atitude. Por isso, podemos concluir que é muito provável que na atitude de abertura do homem ao diálogo com o

outro, este seja alterado, permitindo que o estar em relação, ainda que com o ser não individual a sua simples presença seja a expressão da reciprocidade. Deste modo toda a natureza é senão o fim, mas a presença, o meio para o Encontro com o Tu, que sobre ela paira e pelo qual o homem anseia. Esta presença gera a reciprocidade da vida humana, pois ao mesmo tempo em que o homem age sobre o outro e sobre a natureza por sua simples presença, e até por sua ausência, é afetado também pela presença da natureza e do outro que o convocam a um viver comprometido. Este viver significativo compromete o homem e o engaja, visto que atribui valor e elege suas relações conforme suas afeições. As afeições são expressões do anseio pelo Tu. Nelas percebemos uma manifestação do tender humano à sua realização, que como vimos, para Buber significa em sua plenitude, ser acolhido pelo outro, e pelo Tu eterno. O *entre* é a única possibilidade para a liberdade, pois é o único momento em que o ser está presente em sua totalidade. Fora do Encontro, o homem está fragmentado, e deste modo, não se realiza plenamente. “*A relação essencial recíproca entre dois seres significa uma oportunidade do Ser*” (BUBER,1982, p.159). Dado que Buber reconhecia a presença do Tu Único no Encontro e a relação com ele somente vivida neste momento, o Encontro é a possibilidade da expressão do Ser e a participação que cada ente tem no Ser se dá no momento da experiência do Encontro. É nesta condição que Buber concebe a religião enquanto a perspectiva da relação constante com o Tu: a religião é o viver comprometido com o Encontro que se propõe nas mais diversas realidades e que oportuniza a experiência do Tu Divino, Deus.

## Conclusão

### Por uma Filosofia do Encontro no Ensino religioso

Estar no *entre* é a ótica sob a qual penso a Educação e a Religião, e por isso o Ensino Religioso, pois entendo que é a experiência do Encontro que forma o Eu, na medida em que o edifica e que o faz perceber sua essência, que se revela ainda que não se permita compreender plenamente. Perceber o homem nesta condição relacional permite ao educador compreender os diversos e muito complexos aspectos do homem e considerá-los, não reduzindo-o a uma racionalidade mal compreendida, mas entendendo-a enquanto possibilidade de acesso ao Tu na relação com todas as realidades a sua volta. Educar para a perspectiva da possibilidade do acesso ao Tu é

educar para uma nova postura no mundo, para um *ethos* relacional que se concretiza nas mais diferentes situações da vida e não apenas no que se define enquanto religião, mas que se vive na dimensão do religioso, na dimensão do mistério. Formar para a perspectiva do Encontro é o que pensamos como um dever ser para o Ensino Religioso. A autenticidade do Encontro e a abertura para uma racionalidade mais plenamente reconhecida deve superar a concepção político-ideológica que vem marcando esta disciplina na história da educação no Brasil. Analisando o imaginário sobre o Ensino Religioso, concluímos que se faz urgente a formação docente. Nosso mundo não necessita de tolerância, mas de reverência ao valor do outro e de humildade. Acredito que a Filosofia do Encontro, que valoriza o Eu pode elucidar e oferecer as bases filosóficas para a presença da disciplina na medida em que enfatiza a necessidade do fortalecimento da identidade do Eu que profere as palavras da relação e que também é convocado por elas. Sem o reconhecimento de si como fundamento do diálogo e como quem responde, não há diálogo. A educação não pode colaborar para a formação de um Eu fragmentado, mas deve permitir uma compreensão mais clara da racionalidade enquanto capacidade de relacionar-se e não apenas como entendida pelo racionalismo, como soberana absoluta capaz de dar conta de todas as realidades a partir de si mesma. Antes, a razão como a possibilidade de significar e entrar em relação e isso não se dá apenas cognitivamente, mas pela apreensão das diversas dimensões do humano. A dimensão religiosa é parte integrante do ser humano e não há como não considerá-la. A educação é entendida como processo que deve levar ao conhecimento do essencial de si mesmo, do mundo e do outro, que vai permitir a autodeterminação. É preciso que se encaminhe o processo educativo para o essencial, não para o acidental (WERNECK, 1991, p.156), logo, a educação encaminha-se para a autenticidade. O Ensino Religioso deveria encaminhar-se necessariamente para uma formação que permita a autêntica relação com o infinito. Relação que envolva e comprometa toda a existência humana de modo a ser capaz de tocar e transformar a realidade na qual o homem está inserido. Autêntica, enquanto livre de adornos superficiais que alienam e geradora de uma adesão consciente à vivência coerente dos princípios religiosos. No contexto atual, parece-nos urgente uma educação religiosa entendida como um resgate do humano em todas as suas dimensões. O Ensino Religioso deve oportunizar a possibilidade do Encontro, promovendo a reflexão sobre o que seja essencial nesta relação: a abertura ao diálogo, a consciência da alteridade e a responsabilidade do viver. Se pensarmos o Ensino

Religioso nesta perspectiva, estaremos recusando a prática político-ideológica que o impregnou durante muitos anos e fez com que grandes pensadores da educação o condenassem, e abriremos caminho para a autenticidade da relação que é possibilidade de acesso ao essencial. Ao término deste exercício teórico e interpretativo, concluímos que o panorama contemporâneo está a proferir uma palavra-princípio que exige dos educadores uma resposta que contemple as diversas e muito ricas dimensões do humano, entre elas, a dimensão religiosa.

#### Referências

- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Qué es el hombre?* México: Fondo de Cultura Económica, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Encontro- fragmentos autobiográficos*. Tradução de Sofia Inês Albornos Stein. Petrópolis: Vozes, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Sobre comunidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Do diálogo e do dialógico*./ tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Imagens do bem e do mal*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- STORK, R. e ESCHEVARRÍA, J. *Fundamentos de Antropologia : um ideal de excelência humana*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. 2005
- VATTIMO, G. e DERRIDA (orgs.), J. *A Religião: O Seminário de Capri*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- WERNECK, Vera Rudge. *O Eu Educado: uma teoria da educação fundamentada na fenomenologia*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed. 1991.